

TGB: ESTRATÉGIA DO VAZIO



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA – PUCMINAS
ARQUITETURA DE INTERIORES

DISCIPLINA: HISTÓRIA DOS ESPAÇOS INTERNOS

PROFESSORA: RITA DE CÁSSIA LUCENA VELLOSO

ALUNO: FREDERICO MOURÃO OVTAVIANI BERNIS

21/01/2003

TGB: a temática da recepção/ apropriação no projeto de Rem Koolhaas

“Beyond all exploitation, there is also altruism at work> OMA machine to fabricate fantasy – is structured for others to have the *eureka*s”.

Rem Koolhaas

INTRODUÇÃO

O objetivo principal do tema proposto é evidenciar a importância do usuário como premissa de projeto no trabalho de Rem Koolhaas. O que se pretende aqui é fazer uma análise desde o conhecimento do programa até a concepção da Biblioteca que explicita a estratégia de projeto do arquiteto, mostrando uma abordagem que passa por três visões complementares acerca do usuário:

- A cidade;
- A coletividade;
- O indivíduo.

Essa análise será dividida em duas etapas a fim de facilitar o entendimento do projeto. Em primeiro lugar, será feita uma descrição do programa e do projeto de Koolhaas. Em seguida, passaremos à análise propriamente dita, identificando os aspectos da importância do usuário na concepção, divididos em dois tópicos:

- Experiência;
- Recepção/ apropriação.

O PROJETO

Desde que conheceu o programa para o concurso da Grande Biblioteca de Paris, é notória a preocupação de Koolhaas com a relação cidade/ coletividade/ indivíduo. É importante, porém, salientar que durante o processo de projeto, tais fatores atuam de forma dinâmica e complementar, não sendo possível dissociar um do outro. O usuário é considerado seja como habitante da cidade, seja como parte de uma coletividade ou enquanto indivíduo.

A primeira estratégia adotada por Rem Koolhaas para o desenvolvimento do projeto da Grande Biblioteca foi a de estabelecer uma relação entre o edifício (e seu programa “megalomaniaco”) e seu entorno na cidade de Paris, próximo

ao Rio Siena. O que cercava o terreno eram edifícios dos anos 60 e 70 que produziam, segundo a visão do arquiteto, uma paisagem entediante. Além disso, o programa extenso, composto por cinco bibliotecas totalmente distintas e autônomas, levantava a questão da aglomeração de grandes massas, na contramão de uma revolução eletrônica que vinha eliminando essa necessidade.

Para resolver o projeto, Koolhaas inverte o processo habitual de desenho, pensando os espaços não como sólidos, mas como vazios escavados em um grande cubo, flutuando em posições e alturas distintas. Esse cubo é perfurado por nove elevadores, de forma que, sempre que um dos vazios for atingido por algum destes elevadores, ele será acessível. Cada um desses vácuos corresponde a um item do programa (figura 01). Desse modo, o edifício passa a ser o que sobrou de um processo de eliminação de volumes, gerando uma arquitetura sem forma. A fachada é um plano que se apresenta ora transparente, ora translúcido ou opaco, permitindo diferentes tipos de visão do conjunto (figura 02).

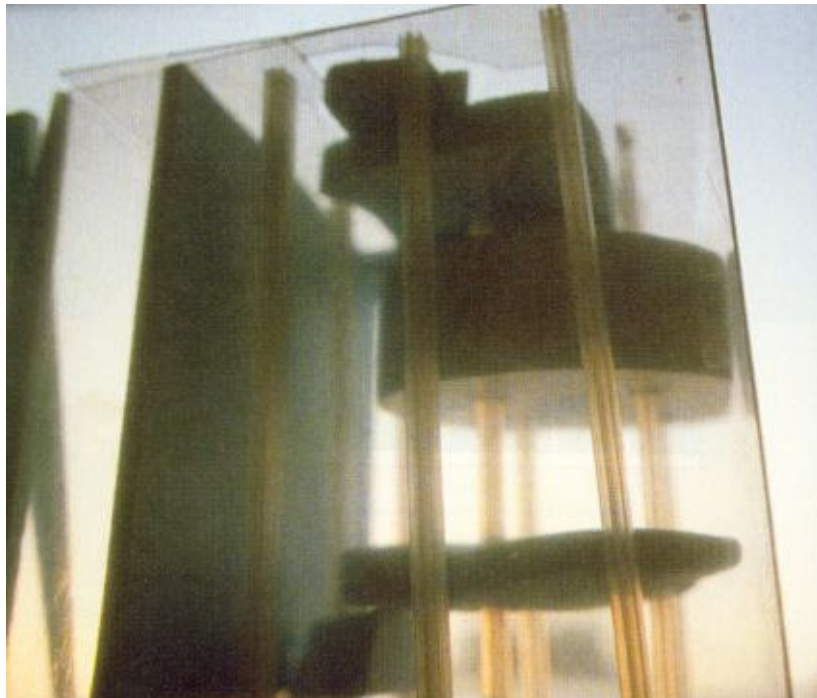


FIG.01

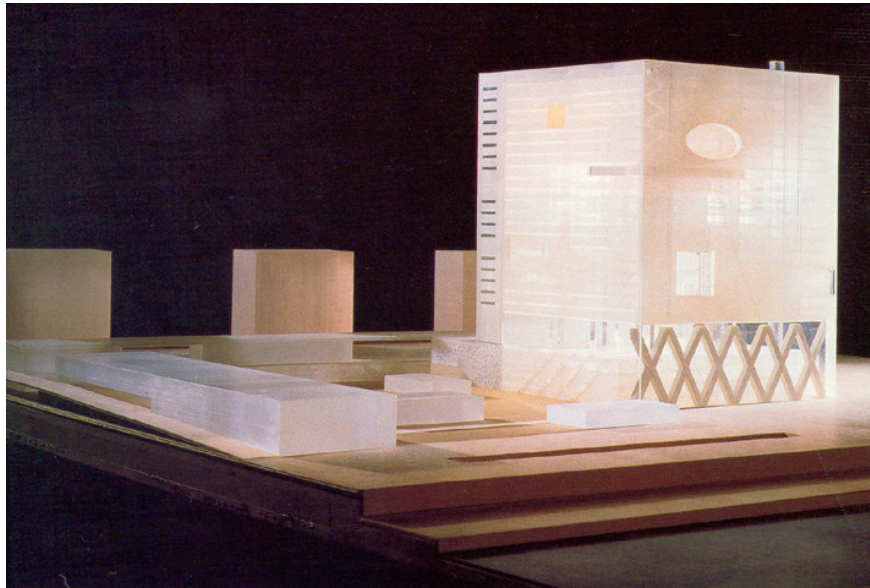


FIG. 02

Para a resolução da questão estrutural, foram criados vãos de 12,5M separados por paredes de concreto com 100 metros de altura que funcionam como vigas. Onde ocorrem os vazios, estes simplesmente “furam” as paredes de concreto. Essas mesmas paredes de concreto são ocas e subdivididas por “shafts” verticais, através dos quais passam todos os dutos de instalações prediais (figura 03).

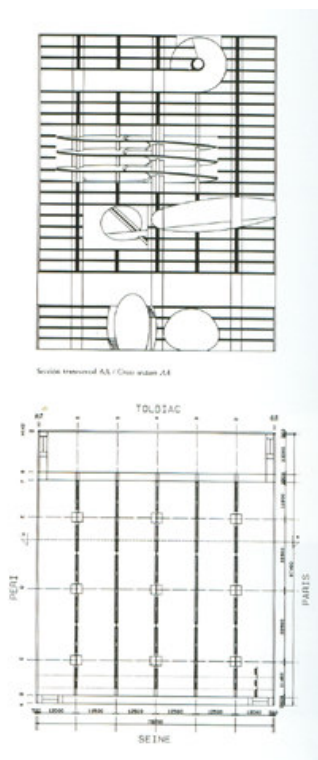


FIG.03

ANÁLISE

Experiência

“... as coisas, sob a lei de sua pura funcionalidade, adquirem uma forma que restringe o trato delas a um mero manejo, sem tolerar um só excedente – seja em termos de liberdade de comportamento, seja de independência da coisa – que subsista como núcleo da experiência porque não é consumido pelo instante da ação”.

Theodor W. Adorno

Se buscamos entender a temática da recepção/ apropriação do espaço pelos usuários no projeto da Grande Biblioteca da França, devemos necessariamente, então, discutir a questão da experiência desse usuário. Quem é ele e em que mundo vive são questões determinantes para a recepção do objeto arquitetônico. O indivíduo só pode ser entendido se inserido no mundo ao seu redor. O conceito de mundo está ligado àquilo que conhecemos e, por isso mesmo, homem e mundo se modificam, um ao outro. Sendo assim, não haverá experiência se não houver esse encontro e tampouco fará sentido aquilo que chamamos mundo.

O projeto da TGB (Très Grand Bibliothèque) leva em consideração um usuário nascido do dia-a-dia atual. Assim como no Iluminismo a modernização transformou a noite em dia, modificando a rotina de trabalho e descanso das pessoas e acabando com um momento que era o tempo da contemplação, a revolução eletrônica e a apologia ao consumo atuais também alteraram o cotidiano do homem. Entretanto, no tempo da internet e do laptop, não foi a noite que virou dia, foi o sólido que se transformou em vácuo, distâncias quilométricas separadas por um segundo. O espaço foi modificado e, com ele, a compreensão do homem a seu respeito. A Grande Biblioteca de Paris, do OMA, foi projetada para a percepção desse novo homem. Sobre essa mudança do mundo e a conseqüente mudança do nosso modo de vê-lo, nos disse Condillac:

“Não imaginamos um tempo em que teríamos aberto os olhos sem ver como vemos”.

Nos dias de hoje, é indiscutível a presença do incentivo exagerado ao consumo como transformador do pensamento humano. A vontade de consumir suplantou

a necessidade humana de experimentar sensações, contemplar. O homem se perde numa aceleração vazia do cotidiano e vai, aos poucos, perdendo a sua capacidade de habitar o próprio mundo e sentir-se nele abrigado. A imagem célebre da Revolução Industrial eternizada por Chaplin em “Tempos Modernos” se inverteu. Agora, é o homem que está sobre a esteira da linha de montagem, enquanto os produtos que ele mesmo criou ficam fora dela, trabalhando para formatar seu pensamento a favor de interesses exclusivamente práticos, tornando-o apático.

Escravo de sua própria luz, o novo usuário passa a relacionar-se funcionalmente com o espaço e necessita desacelerar, retomar a dignidade humana e o controle de sua própria vida.

Recepção/ apropriação

“...a recepção tátil sucede não tanto através da atenção, como através do hábito.”

Walter Benjamin

A próxima etapa, agora, trata de analisar como se dão recepção e apropriação do espaço pelo usuário no edifício de Koolhaas, e como isso foi trabalhado pelo arquiteto.

Ao inverter o método tradicional de projeto e pensar os espaços como vazios (*voids*) escavados em um cubo, Koolhaas cria um espaço diferente. O que se vê é um edifício “estranho” ao olhar do usuário. Paredes ocas de concreto com 100M de altura que seccionam quase todo o edifício, fachada ora transparente, ora opaca, circulação através de nove elevadores que ocasionalmente atingem algum espaço, tudo isso faz com que jamais seja possível a compreensão imediata do edifício. A idéia é transportar o usuário contemporâneo de sua percepção cada vez mais desatenta e passiva a uma postura ativa, de reação.

O primeiro estranhamento do usuário se dá em virtude da escala do projeto, que alcança uma altura cerca de três vezes maior que as edificações que compõem o seu entorno (figura 04). O jogo de transparências e a variação da

opacidade da fachada também criam uma atmosfera de estranheza e ao mesmo tempo ansiedade, pois não permitem a visualização de seu interior, nem tampouco espelham o que está à sua volta. Aqui também se manifesta a estratégia da inversão, pois assim como os volumes internos são concebidos como vácuos, a transparência é trabalhada como sólido, conforme o próprio Koolhaas:

“...what is solid has melted, what is void float as na object in nothingness”.

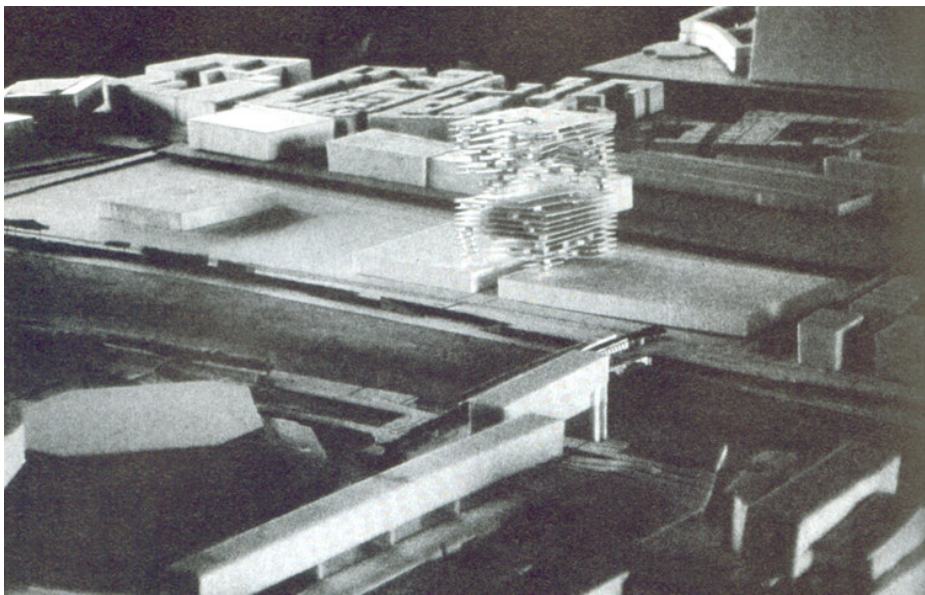


FIG. 04

No interior do edifício, mais estratégias de inversão, além das já citadas. O grande hall de entrada, uma área com capacidade para 10.000 pessoas, possui piso e teto feitos de vidro. A idéia, agora, é a sensação de instabilidade, insegurança, da redução sistemática da liberdade do usuário, justamente onde ela mais importa: no chão.

Os métodos de projeto reducionistas e a idéia de objetividade marcantes na arquitetura funcionalista são subvertidos. Tudo o que não se quer aqui é o reconhecimento instantâneo do projeto, sua recepção e apropriação imediatas. A arquitetura de Koolhaas concebe espaços de ambigüidade: luz e sombra; cheio e vazio; medo e segurança. A Grande Biblioteca de Paris é um edifício único: jamais alguém teve a experiência de transitar por um espaço como este. A única forma de se sentir familiar, aqui, é habitando. É fundamental que se

estabeleça uma cumplicidade com o edifício, desacelerar, percorrer suas estranhezas, demorar-se nele, sentir-se atraído. Caso contrário, a recepção será sempre de estranheza e ansiedade, nunca apropriação.

CONCLUSÃO

“Control: what people make of my building is outside my control.”
Rem Koolhaas

O projeto da Três Grand Bibliothèques de Paris constitui um ótimo exemplo para a análise da postura de projeto de Koolhaas em relação ao usuário, uma vez que nesse caso essa postura é levada às últimas conseqüências. O edifício é, sim, funcional, na medida em que todas as atividades para ele propostas estão ali resolvidas, porém sem partir do pressuposto funcionalista da objetividade. A forma não segue a função, mesmo porque se trata de um edifício “sem forma”.

A Biblioteca é uma paisagem somente familiar àqueles que já a vivenciaram. Somente para essas pessoas cabe aqui o conceito de mundo. Essa relação de conhecimento só por parte daqueles que percorrem o edifício fortalece ainda mais a cumplicidade entre prédio e homem. O usuário se apropria de um espaço que não se encontra repetido em toda parte do mundo, não pode ser facilmente percebido por qualquer um e, por isso mesmo, essa apropriação tem um valor mais especial ainda. Ninguém, e insisto, ninguém conhece aquela Biblioteca como ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **EL CROQUIS.** OMA/ Rem Koolhaas: 1987-1993. Barcelona: El Croquis Editorial, 1992
- KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **Small, Médium, Large, Extra large:** Office for Metropolitan Architecture. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.
- VIDLER, Anthony. **The Architectural Uncanny: Essays in the Modern Unhomely.**